

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Hoje em Dia Class.: Maxacali 129  
 Data 28/05/93 Pg.: \_\_\_\_\_

ALERTA NA ALDEIA PRADINHO

# Desnutrição é aliada da cólera contra os índios

NALUSAAD

**PRADINHO** — Além de ter a seu favor a resistência dos índios aos cuidados essenciais de higiene, a cólera tem como aliada a desnutrição deste povo.



O médico da Funai, Jorge Eduardo Tavares, explica que a baixa resistência a doenças bacterianas é nata. A alimentação inadequada contribui ainda mais para isso. O maxacali come basicamente arroz, macarrão e mandioca, não aceitando outros tipos de alimentos.

A Funai tentou inserir o feijão neste cardápio e distribuiu sementes para desenvolver o plantio nas glebas, no entanto, os maxacali não aderiram ao novo alimento. Tavares acredita que a principal causa desta rejeição é o fato de o feijão ser um produto que dá mais trabalho no preparo. Outra causa pode ser o fato de o índio não usar temperos e para ficar mais saboroso o feijão exige pelo menos sal.

Existem plantações de feijão nas aldeias, mas os maxacali pre-

ferem vender o produto na cidade ou trocá-lo pelo arroz e pelo macarrão, cujo cozimento é rápido e não dá muito trabalho. Eles revertem em comida ou dinheiro também o capim colonhão, excelente para pastagens. Os índios fazem a colheita do capim e o vendem ensacado, seco ou molhado. Atualmente, vendem um saco do capim seco por até Cr\$ 80 mil e do capim úmido por até Cr\$ 60 mil. Fazendeiros da região vão até Ibatinga, vilarejo próximo ao Pradinho, para comprar o capim dos índios.

Historicamente a mandioca faz parte do cotidiano do índio, mas os maxacali não perdem muito tempo em preparar produtos como a tapioca, e consomem a raiz cozida, sem muito incremento. Ao redor de praticamente todas as aldeias existem pequenas plantações de mandioca. São poucas as frutas no Pradinho e os índios também preferem comprá-las.

A Funai faz distribuição de cestas básicas periodicamente e religiosos costumam visitar a aldeia levando alimentos. Quando um carro de padres ou freiras chega, eles se amontoam e pedem comida. Isso não parece suficiente. Os maxacali trocam tudo, inclusive poses para a máquina fotográfica da reportagem do HOJE por dinheiro, e pedem arroz, macarrão e roupas.

### Luta e amor pela terra

**PRADINHO** — Os índios maxacali são presos à terra onde vivem pelo amor que têm pelo lugar. Lutam na Justiça pela unificação das aldeias do Pradinho e Água Boa, separadas por 70 alqueires de fazendas particulares. A Funai já deu parecer favorável a uma negociação com os fazendeiros, conflito que rendeu brigas diversas ao longo dos últimos cinco anos.

Constituída pelos últimos descendentes de vários grupos nômades caçadores e coletores maxacali, essa comunidade pertence ao tronco lingüístico Macro-Jê. Eles estão localizados exatamente nas cabeceiras do rio Itanhaém em Bertópolis. O pesquisador Curt Nimuendajú, estudando as origens deste povo, disse que a história dos maxacali desenrolou-

se na área compreendida entre o rio Jequitinhonha, ao norte, o São Mateus ao sul e o Atlântico, a leste. A primeira menção da tribo foi feita numa carta de 26 de maio de 1734, do mestre de campo João da Silva Guimarães.

A raça começou a ser dizimada com a invasão de outras tribos, sendo as primeiras na segunda metade do século XVIII. Recuaram à beira-mar, para Foz do rio Mucuri, devido à expansão dos índios Botocudos. Foram se deslocando com o passar dos tempos, unindo-se a outros povos e com a crescente colonização daquela região foram empurrados de suas terras, retirando-se para leste, em direção ao Ribeirão do Rubim do Sul, à margem esquerda, sendo que os que ali permaneceram, morreram.